

C.M.B.  
BibliotecaC. M. B.  
BIBLIOTECA

# BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES



Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - R/c

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silveira

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

## CAMÕES!

Um nome imortal no mundo Lusíada

(O amor foi o seu fogo e o seu refrigerio)

**A**PROXIMA-SE mais um aniversário da morte de Camões e o reboar de entusiasmo e interesse pela sua obra plasma-se, dia a dia, num horizonte que ultrapassa a limitação de fronteiras.

Camões, para além de quaisquer facetas em que enquadraremos a sua obra, agiganta-se a nossos olhos pelo real valor que iluminou seus versos, que são vivos e humanos e simbolizam o amor e o sacrifício, a renúncia e o perdão, a força viril do homem e a crença no Além.

Tudo em Camões se espiritualiza, porque é, sem favor, o vate sublime que, em oitavas primorosas, consegue contar a história Lusa e nela englobar a viagem de Vasco da Gama até à Índia.

Os Lusíadas são um mundo de conhecimentos e um álbum peregrino da movimentação das nossas caravelas de antanho e dos feitos valorosos dos portugueses que a história canta.

Os Lusíadas encarnam o espírito dum povo, e o espírito dum povo traduz o sentimento colectivo da grei; contudo, Camões, infeliz no meio duma sociedade desvairada, atinge, ainda assim, uma grandeza épica que faz estremecer os homens treloucados e raciocinar os que ainda acreditam...

A dor do Poeta é a síntese episódica duma virilidade que não estremece, dum carácter que não verga, duma grandeza de alma que não se limita.

«Deus, os homens, a pátria, a sociedade e a história, o passado, o presente e o futuro, a terra e os céus infinitos, agitam-se-lhe na imaginação candente, revolvendo-se em torno desse problema nodal de afectividade humana, da afinidade electiva, do amor pessoal, do eterno feminino, da mulher, enfim, que, sendo o próprio coração de tudo, se torna o símbolo por excelência poético da existência».

A mulher, sempre a mulher, como tema gerador de grandes coisas... Camões não podia furtar-se a essa influência e tão grande foi, que sendo a mulher a causa de toda a sua grandeza não deixou, afinal, de ser também a da sua derrota.

Camões amou a mulher e amou-a na versão sublime da espiritualidade e por ela e para ela escreveu os seus inconfundíveis sonetos, que são e serão o eterno hino de amor à mulher desejada.

Nos próprios Lusíadas aparecem-nos 3 figuras de mulher: Vénus, Maria a formosíssima e a linda Inês.

Elas são os anjos e como anjos ele as cantou dando-lhes funções pacificadoras e medianeiras... Ele amou como só os poetas sabem amar.

Já em tempos fizemos um estudo sobre os Lusíadas em que nos alongamos nas sínteses dos cantos e nas versões mais significativas dos seus episódios. Repetir uns e outros seria repetirmo-nos, portanto foquemos apenas a génese de Camões que é a essencialidade da Renascença em Portugal.

A sua poética irradia calor e perdura nas inteligências e nas almas.

(Continua na página 8)

## NOBRES FIGURAS FEMININAS

Por MARIA MATILDE

**E**RA uma vez... Há muitos anos já, no dia 2 de Maio de 1458 — acaba-se precisamente de celebrar o 5.º centenário — nasceu numa cidade do Alentejo, em Beja, uma menina de estirpe real. Chamava-se Leonor, e, caso curioso, era bisneta tanto pelo lado paterno, como pela ascendência materna de D. João I de Portugal, e de D. Filipa de Lencastre, que lhe legou, além dos olhos azuis e cabelos loiros, a serena compostura, grande bondade, e alto conceito dos deveres.

Sua mãe, D. Beatriz, senhora de grande piedade, e seu pai D. Fernando, Duque de Viseu, alma sedenta de heroísmo, eram ambos filhos de altos infantes da «inclita geração». Não admira portanto que de tal linhagem tivesse desabrochado a «Princesa Perfeitíssima» — no dizer dum cronista da época!

Como teria sido a sua infância? Pouco se sabe. Além da influência dos pais, os conselhos de seu avô D. Duarte deixados no Leal Conselheiro, ou no Livro da Ensinança de bem cavalgar a toda a sela (que apesar do título, não ensina apenas a bem montar, mas se destina também a formar o verdadeiro cavaleiro — forte de ânimo, valente, corajoso), foram com certeza bem aproveitados para a educação e formação da gentil princesinha.

Sabe-se que praticou o desporto, pois desde bem pequena foi segura amazona, acompanhando a cavalo seus pais, em contínuas deslocações por Beja, Évora, Alcochete, etc.

Muito jovem, com 14 anos (o que era vulgar naqueles tempos), casou com o futuro D. João II — pouco mais velho, 17 anos apenas — o qual, segundo rezam as crónicas, «tinha pensamentos que em tudo passavam os limites da sua idade». E sobre ela acrescentam: «Deus a dotou de rara formosura, e a que se via no corpo, brilhava igualmente no espírito».

Foi a feliz união dum Príncipe Perfeito, com uma Princesa Perfeitíssima! E, um reinado fecundo se lhe seguiu — reinado que preparou habilmente, conscienciosamente, maduramente o maior período de glória que Portugal conheceu. O esplendor atingido depois, a ele se deve — a esse D. João II profundamente inteligente, político firme e seguro, admirável delineador, incansável organizador!

Mas Deus prova àqueles que ama... e sobre esse casal de tão raros dotes, pairava a sombra da morte:

Na flor da mocidade, 18 anos alegres, brilhantes, esplendrosos, o príncipe D. Afonso, único filho e herdeiro, acabando de rematar um edifício terno e suave pelo casamento com Isabel, Infanta de Cas-

A inteligência entregue a si mesma, tornando-se como fim de si mesma e não como meio para os fins superiores da vida humana, por potente que seja, perverte-se e esteriliza-se.

ANTERO DE QUENTAL

# SORTEIO «TEBE»

Como é do conhecimento público, a Fábrica de Malhas «TEBE», de colaboração com a Comissão das Festas das Cruzes, elaborou um sorteio, cujas modalidades iam discriminadas nos 10.000 programas que mandou imprimir e fez distribuir.

Assim, quem conseguisse juntar as 16 cores do cartaz de amostras de NYLON «TEBE», receberia uma preciosa combinação em NYLON. Já apareceu um feliz contemplado a Casa CONCHA AZUL, da Póvoa de Varzim.

Cada programa foi devidamente numerado, tendo-se efectuado no domingo, 4 do corrente, à noite, o sorteio que deu o seguinte resultado:

1.º Prémio — N.º 2930 — Uma parure de 3 peças em NYLON «TEBE» — valor Esc. 350\$00.

2.º Prémio — N.º 3070 — Uma combinação em NYLON «TEBE» — valor Esc. 250\$00.

3.º Prémio — N.º 7218 — Uma combinação em NYLON «TEBE» — valor Esc. 180\$00.

Estes prémios podem ser procurados na Fábrica de Malhas «TEBE», em Barcelos, ou nos seus representantes, no Porto ou em Lisboa.

tela, perde brutalmente a vida num desastre de cavalo!

Começa a via dolorosa de D. Leonor. Incidentes vários de ordem política — como a morte dum cunhado, ordenada pelo próprio rei; desentendimentos com o marido por causa da sucessão a esse trono tão tristemente vago — que terminam pouco antes da grande dolorosa separação. El-Rei não consegue sobreviver em muito a seu filho — e aos 37 anos fica viúva, só e desolada a que fôra flor de formosura...

«Suas acções no estado de donzela foram boas, no de casada, melhores, no de viuvez boníssimas» dizem dela mais tarde.

Na sua sepultura na Igreja da Madre de Deus em Lisboa, há um baixo relevo com uma das divisas que mais usou: um pelicano de pé, no bordo do ninho, rasgando o peito com o próprio bico, para que o sangue caindo alimente os filhos — protegidos ainda pelas asas abertas...

É a alegoria da sua própria vida. Do coração ferido jorra o amor, a piedade, pelos filhos famintos, doentes, necessitados. E desse coração que a dor rasgou, mas não secou, sai a mais admirável obra de assistência nacional: as misericórdias!

Não há miséria nem infortúnio, desamparo nem provação, que a Santa Confraria não procure resolver! A primeira foi a de Lisboa, mas o seu exemplo foi tal que, quando D. Leonor morreu, já 60 outras se lhe tinham seguido, espalhadas pelo País fora! Instituição admirável que promove não uma ou outra obra de misericórdia ao acaso, mas as 14, de modo perfeito.

Surgem hospitais como o de Todos os Santos, e das Cal-

As Senhoras  
de bom gosto  
continuam a dar  
preferência às  
malhas  
**TEBE**

das — para concluir e conservar o qual, a Rainha se priva das suas jóias, das alfaias de sua casa, e até de grande parte de suas próprias rendas!

Estimulou largamente as Belas Artes. Encorajou os primeiros passos da imprensa em Portugal. (Promoveu publicações interessantíssimas ainda hoje — como o Espelho de Cristina —, e dos mais variados géneros, desde a Vita Cristi às Viagens de Marco Polo).

Gil Vicente, o arrojado, o implacável Gil Vicente nas suas críticas a vícios e erros, foi por ela apoiado para «castigar com caridade os que erravam».

São passados 5 séculos. Mas pelo excepcional conjunto das suas qualidades de inteligência, dedicação, piedade, cultura, caridade, bondade, coragem, firmeza de princípios, persistência, energia, generosidade, largueza de vistas, ainda hoje o povo português — que esqueceu tantas e tantas rainhas... — se curva agradecido, respeitoso e comovido, perante a nobre figura da

**RAINHA D. LEONOR**

# Perfil do Infante D. Henrique

Pelo Comandante EDUARDO LUPI

(Continuação do número 55)

MAS reconhece-se-lhe logo por ocasião da conquista de Ceuta, seis anos mais tarde, quando já era homem feito, provavelmente desde bastante antes, clara visão dessa política de expansão diametralmente oposta à dos irmãos D. Duarte, D. Pedro e D. Afonso, conde de Barcelos, que advogavam o abandono da praça, por difícil de sustentar, contentando-se com o feito de cavalaria da expugnação brilhante. D. Henrique perfilha o ponto de vista político, militar e religioso de D. João I, meditado de longa data, de ir a Ceuta não para somente conquistar a fortaleza mas deveras com fito de iniciar autêntica Empresa de Além-mar, pois o soberano logo ali prometeu a D. Pedro de Menezes, capitão da praça, voltar meses depois, na primavera seguinte, a fim de dilatar a conquista.

Perfilha-o e nunca mais o abandona, em longa vida cheia de desgostos e dificuldades: já sexagenário, a três anos da morte, volta a Marrocos pela quarta e última vez acompanhando o sobrinho D. Afonso V a Alcácer-Ceguer, sem curar de reavivar na terra de África as tremendas angústias padecidas 20 anos antes na derrota de Tânger e no sacrifício do Infante Santo. Quem sabe por si como a combatividade guerreira esmorece com os anos, queda-se a meditar nesta pedra do toque do feito do Infante.

Não só nunca abandona a Empresa mas põe-na no primeiro plano dos seus esforços e dedica-lhe toda a existência e recursos, próprios e alheios, disponíveis na ocasião e antecipados, sacando sobre o futuro como agora dizemos, isto é deixando avultadas dívidas. A diferença de método, meramente tático, a certa altura por ele adoptada está em que, tornado descrente da eficácia dos ataques frontais ou desinclinado a pagá-los pelo seu muito elevado custo, depois do que observou em 1415, nos cercos de 1418 e no ataque frustrado a Tânger em 1437, procura triunfar pelo movimento envolvente e sendo possível também com o concurso de aliados, europeus ou africanos.

Falha o irmão D. Pedro no recrutamento daqueles, no correr das suas andanças pelas côrtes europeias. Obstina-se D. Henrique na outra alternativa para prosseguimento do seu plano — e lança-se no Descobrimento em busca de gentes africanas e de outras zonas de manobra utilizáveis. Procura-as no litoral logo a sul de Marrocos, na ideia justa de que povos limítrofes são sempre inimigos, e para esse efeito repetidas vezes faz desembarcar nos portos vários exploradores: mas encontra o deserto com raros nómadas tuaregues (ou azenegues) também muçulmanos apesar dos ornatos cruciformes que usam e lhes vêm das velhas cristandades norte-africanas. Tenta segui-los nos habitantes das Canárias e envia em 1424 às ilhas mais povoadas a fortíssima expedição de D. Fernando de Castro, com efectivos julgados bastantes para conquistá-las, a fim de lá estabelecer base avançada bem próxima da terra africana, e decerto para seguidamente, enquadrando grandes massas desses homens, saltar no continente, como coluna auxiliar que atacará Marrocos de revés: mas topa com *guanches* ainda na idade da pedra e inaproveitáveis sem demorada catequese. Que a ideia não era errada provam-no, algumas dúzias de anos após a morte de D. Henrique, os auxílios a Santa Cruz (Agadir) prestados por contingentes de canários, pelo menos em 1529 e em 1533.

Não desiste. Tem notícia obtida em Ceuta da existência de bastas populações negras pagãs mais adia te (não sabe exactamente quanto) e lança-se ao seu encontro, na ânsia de catequizá-las, de salvar-lhes as almas e de opô-las ao sarraceno: tanto mais que lhe não saiem do sentido as notícias que possui sobre o Preste João, senhor de vastíssimos domínios, e os velhos planos da aliança com

este potentado pensados por Raimundo Lulo, Guilherme Adam e Marino Sanuto.

E é esse designio polifacetado que afinal o leva, a ele, à gesta imensa da Navegação e do Descobrimento: e depois dele a D. João II e a D. Manuel I, utilizando essa gesta náutica e geográfica, à Empresa Portuguesa do Oriente que há-de em menos de um século florir na potentosa Expansão Portuguesa no Mundo. Razão teve Aires de Ornelas para escrever:

«... com a reverente diferença que cumpre guardar na aplicação a coisas humanas de afirmações religiosas, poderemos certamente dizer dele como S. Paulo dizia de Jesus Cristo — IN EO VIVIMOS ET SUMUS!

Convém examinar mais de perto o seu labor fecundo.

Para prosseguir África abaixo na busca de povos porventura susceptíveis de receberem a palavra de Cristo e de fornecerem aliados, para em final ir dar mãos ao Preste João, visto por terra se não poder marchar cortando as massas sarracenas que envolvem este potentado por todos os lados no seu longínquo e desconhecido paradeiro, haverá que fazê-lo por mar. Mas o homem ainda não sabe navegar oceanos: não aprendeu. Apenas consegue e com custo avançar ao longo dos litorais, de que não ousa despegar-se com medo de perder-se no pélagos imenso. Mesmo isso fá-lo com dificuldade e com grandes perdas de tempo, em paragens forçadas quando encontra ventos contrários que se vê obrigado a deixar passar por não saber vencê-los. Ora de Portugal para a costa de África há vento a favor enquanto se navega com proa nos quadrantes do sul; mas por isso mesmo surge tremenda, quase invencível, dificuldade náutica na volta dos navios contra vento e para mais contra correntes marítimas também: foi essa dificuldade e quase impossibilidade que criou (para terrestres que não para mareantes) a lenda *tenebrosa* do Bojador e até o lema crismador do Cabo Não. A verdade é que *as barcas de pano redondo não bolinam*, isto é não conseguem fazer caminho, mesmo às bordadas, contra vento e corrente. As galés propelidas pelos remos, à força de braços, ainda menos: não passam na realidade de navios de guerra especializados para acções anfíbias contra portos, ou para luta contra embarcações similares em águas razoavelmente tranquilas.

E como ninguém mais tem melhor, há que recorrer a diferente solução, até então por discorrer: fornece-a certo tipo de modestas embarcações portuguesas de pesca costeira aparelhadas com *pano latino*, isto é com velas triangulares orientadas de proa-à-proa, já conhecidas pelas suas qualidades manobráveis que lhes permitem *chegar-se ao vento* e fazer caminho no sentido contrário àquele de onde sopra a brisa. Ao tipo, é facto, porém profundamente alterado, principalmente nas dimensões e solidez do casco, assim como no número dos mastros, para o tornar de costeiro em oceânico — e que acaba por fixar-se, decerto após numerosas tentativas, na célebre *caravela latina*, o grande instrumento dos Descobrimentos Atlânticos: na despoitada opinião dos nossos rivais italianos e espanhóis, julgada o *melhor navio que sulcava os mares da Europa*.

Ainda não foram encontrados documentos que estabeleçam prova directa, categórica, de que a caravela oceânica haja sido devida à iniciativa, aos esforços e aos cabedais do Infante.

(Continua no próximo número)

Visado pela Comissão  
de Censura

# DIA DA RAÇA As Louças de Barcelos

Por M. LÚCIA

O dia de Portugal, o dia da Raça Portuguesa não podia ser outro que não fosse o dia de Camões, aquele que em versos de rara beleza, em estrofes épicas, em cânticos sonoros, um ritmo de marcha heróica ao som de trombetas de guerra espalhou «por toda a parte» o valor, a audácia, o heroísmo, a fé, a coragem, a abnegação, da gente portuguesa.

As Pátrias não nascem nem morrem num dia! Não surgem ou desaparecem como as ilhas vulcânicas nos oceanos infinitos e profundos de ondas alterosas ou de águas límpidas e tranquilas. Elas surgem após séculos de sedimentação lenta e persistente. Não nascem as pátrias!... Emergem inundadas de luz, afloram à superfície, firmes, robustas, inacessíveis...

Jamais as destruirá a erosão de ventos desabridos, o embate de vagas destruidoras, a convulsão de crises sociais ou políticas. A Pátria é o aglomerado de gentes, com uma consciência nacional, que não é a amálgama de consciências individuais, mas um sentir e actuar colectivo que se impõe de fora para dentro, que irmana e estreita um povo inteiro que o levanta ou acabrunha ante os acontecimentos que, pelos séculos fora, tem de enfrentar e vencer...

A Portugal fixaram-lhe uma data oficial para o seu nascimento — 1143. Mas para o surgimento da nação lusitana quantos séculos de história de lutas renhidas, de adaptação ao meio geográfico, de exploração, de tentativas de fixação, de ambições egoístas, de embates de crenças, de emaranhado de idiomas bárbaros com línguas cultas e eruditas!

Portugal em 1143 ergueu os braços, escutou o palpitar do coração, debruçou-se sobre si mesmo e teve consciência de que era uma nação e como tal pronta e apta a seguir um destino, a servir um Ideal, a aceitar uma crença. Nos braços fortes levantou a espada, junto ao coração apertou a Cruz e na consciência venceu o Dever. A passos de gigante avança para o Sul, embaçado nas ondas continua o sonho de expansão, perdido no brilho de estrelas novas divaga pelo mundo, descobrindo, conquistando, enchendo de fé e de luz vastas regiões que o velho mundo ignorava... Surgem dias de glória tamanha, há riquezas fabulosas, erguem-se fortalezas nos mais longínquos continentes e a bandeira das quinas sobe altiva flutuando aos ventos de climas desconhecidos, brilhando na intensidade luminosa do Sol equatorial, reflectindo as suas cores ora nas águas do Mediterrâneo e do Atlântico, ora nas do Indico ou do Pacífico...

...Um dia Portugal estremeceu ante a grandeza dos seus feitos, pasmou maravilhado de surpresa e achou-se alquebrado, gastas as forças mas latentes as energias. Que ficara de todo esse sacrifício? Mais glórias que riquezas; mais recordações heróicas que ambições satisfeitas. Acendera fachos de luz, na América, na África, na Índia, na Oceania, que jamais se apagariam. A Nação Portuguesa estava espalhada por continentes novos, porque a sua alma de sonhadora romântica, o seu espírito de guerreiro audaz, a sua fé de cruzado medieval, não cabia nos acanhados limites do chão da Pátria lusitana...

Mas, vacilaram as forças e as frentes curvaram-se submissas ante um rei estranho que ambiciosamente espreitava a oportunidade de estender o seu poderio. Nas areias ardentes de Alcácer-Quibir ficara o rei moço, retalhado o seu corpo esbelto, enxovalhada a armadura reluzente e despedaçadas as armas com que lutara até ao último sopro de vida. A seu lado, no extenso areal, agonizara a melhor e mais leal fidalguia do reino.

Horas trágicas de silêncio encheram nesse entardecer o campo da batalha e dele se estenderam a Portugal sombras negras e gemidos lúgubres...

Passam os anos e a Pátria, sofrendo vexames e injúrias, permanece inacessível às tentativas violentas de absorção. Portugal não poderia irmanar o seu destino ao de outro povo, porque as suas fronteiras tinham a guardá-las muralhas e bastiões aliçados em terra ensopada de sangue de heróis e, porque as pátrias não morrem, um dia novamente nos braços rejuvenescidos ergueu a espada e retomou a marcha altiva do seu destino.

Sucedem-se séculos, vencem-se crises e enraízam-se sentimentos. Podem mudar as cores da bandeira, evoluir os sistemas políticos, cair muralhas e levantar-se cidades espaçosas e arejadas, interpretar-se de modos diferentes as obras dos homens, ora exaltando, ora amesquinhando, conforme as paixões, as crenças ou os ideais que norteiam as gerações que vão passando, que, a Pátria permanece altiva, robusta, inacessível e vitoriosa. Uma força superior, indestrutível e eterna une os filhos da terra portuguesa num só querer, quando orgulhosos contemplam a história de Portugal, nos livros maravilhosos e imponentes que são

VI

## Os Brinquedos polidos

**FABRICAM-SE** estas peçazinhas em três tipos—Encarnados, Pretos e Brancos com tarja.

**Brinquedos encarnados**—Foram os primeiros que se fabricaram e parece ter sido um tal Carapanto, da freguesia de Cervães (actualmente do concelho de Vila Verde e antigamente, como as nossas, do concelho de Prado), por volta de 1880 e em 1885 já estavam generalizadas no nosso concelho, nas freguesias de Areias S. Vicente, Lama, Pousa e S. Martinho de Galegos.

Rocha Peixoto disse que estas louças são semelhantes às olarias lacustres da Suíssa.

Depressa estas louças progrediram, enchendo os mercados do Porto, Lisboa e principais cidades do País; Espanha, os Açores, a Ilha da Madeira, foram mercados importantíssimos para onde estas louças seguiam aos milhares, muitos milhares, todos os meses! Estes brinquedos foi das especialidades das louças de Barcelos, a que mais e melhor prosperou.

Venderam-se milhares de milhares destas louças com dizeres gravados em baixo-relevo e até alguns em enfeitos, dizendo: Lembrança de Lisboa, Recordação das Caldas da Rainha, de Coimbra, do Bussaco, do Estoril, Bom Jesus do Monte, Braga, Matosinhos, Açores, Souvenir of Madeira, etc., etc.

São fabricados no mesmo barro e pelos mesmos processos dos hidrocerames, em três tamanhos, um em miniatura, outro de uns 6 a 10 cm. e outro de 10 a 15 cm.; barro plástico muito ferruginoso e micácio que depois de cozido herméticamente fechado em

casetas a uma temperatura de 900 a 970 graus apresenta uma linda cor mate vermelho-tejolo com reflexos micácios. A colecção é composta duns 20 ou 22 tipos e algumas vezes de 25.

**Brinquedos polidos pretos**—São os mesmos brinquedos anteriores, só com a diferença da cozedura. Para ficarem encarnados, são cozidos em atmosfera oxidante, como descrevemos. Para ficarem pretos, tem de ser cozidos em atmosfera fortemente redutora e para isto, nas casetas são enforados envolvidos em serrim de madeira que ao queimar-se produz o carvão que transmite ao barro a sua cor.

Esta louça preta é tão antiga como a vermelha, pois de início se fabricam as suas, que afinal, são uma e a mesma coisa, só com a diferença de que uma leva serrim e outra não. Não podemos, por isso, conceber como Charles Lepierre pode dizer que aqui se não fabricava louça preta.

**Brinquedos polidos brancos com tarja**—Alguns anos mais e surgem os mesmos brinquedos, agora em barro branco com uma tarja de barro vermelho gravada à mão. Mais uns anos, aí por volta de 1922 um ceramista inglês ensinou um dos nossos fabricantes a preparar corantes para pastas e nasceram então as tarjas em diferentes cores e sempre gravadas à mão. Desde então e aí até 1930 apareceram trabalhos lindíssimos.

Os fabricantes baptizaram estas peçazinhas com o nome de brinquedos, mas na maioria dos casos estes trabalhos são na realidade produtos decorativos.

M.

## JOÃO GONÇALVES MARTINS

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« A MUNDIAL »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

os Jerónimos e os Lusíadas, a Batalha e o Brasil—padrões imorredoiros do valor numa raça.

Dia de Portugal, dia em que se exaltam os teus heróis, que se acendem e elevam preces votivas aos teus santos; dia que se recordam e repetem as estâncias líricas dos teus poetas e as páginas vernáculas dos teus escritores; dia em que se cobrem de flores os túmulos dos soldados, se colocam louros nas estátuas dos heróis e se rezam e cantam os Lusíadas.

## Pequenos apontamentos de etnografia e folclore do concelho de Barcelos

BARCELOS, de origem remotíssima, era já notável quando se constituiu a nacionalidade, pois D. Afonso Henriques lhe deu foral, tendo sido o primeiro condado português criado por D. Diniz e elevado a ducado por D. Sebastião, ficando a pertencer aos primogénitos dos Duques de Bragança.

Ainda no Século XIX era composto por 200 freguesias e 44.000 fogos.

De freguesias deste vastíssimo concelho vieram a constituir-se os concelhos de Vila Nova de Famalicão, Póvoa de Varzim e Esposende e com outras também de Barcelos aumentaram-se outros concelhos circunvizinhos.

Este facto pode justificar perfeitamente que algumas danças, costumes, cantares, trajes, etc., tidos hoje como oriundos de outras regiões e tidos e havidos como delas exclusivamente, tenham tido a sua origem no vestuário e histórico concelho de Barcelos que deu origem a outros e à custa do qual ainda outros se alargaram, razão porque, costumes, trajes, cantares e danças populares, não obstante as divisões administrativas que se foram estabelecendo e modificando, se mantiveram com as mesmas afinidades em grande parte.

É o que se passa, por exemplo, com os trajes de "noivado" em Balugães.

O uso destes trajes estendia-se por toda a veiga do Lima, desde Vila Franca a Ponte do Lima.

Em Balugães, era costume vindo de tempos muitos remotos, que os noivos e famílias destes, antes de aprazado o dia do casamento, combinariam o dia em que se deslocariam a Barcelos para que, em conjunto, num estabelecimento da então Vila, escolhessem as fazendas com que haviam de ser confeccionados os fatos e trajes do noivado.

Naquela freguesia, que confinava com o concelho de Viana do Castelo, havia costureiras especializadas na confecção de trajes ricos de noiva e que eram custeados pelos pais desta que, para suportarem a despesa com o tecido próprio, se viam obrigados à venda de certas medidas de cereais cuja quantidade, ao preço corrente dos nossos dias, montava a cerca de 3.000\$00, não sendo nada provável que essas costureiras trabalhassem, somente, para freguesias do concelho de Barcelos.

O vestuário da noiva era luxuoso, abundante de ricos adornos, sobressaindo a renda alva e o bordado, nele refulgindo cordões de bom peso de ouro, corações de filigrana, etc.

As divisões administrativas que se foram efectuando pelos tem-

pos fora com sucessivas anexações de freguesias e amputações infligidas ao concelho de Barcelos, pouca influência tiveram nos costumes, na etnografia e no folclore da região.

Neste concelho, mercê do aproveitamento quase por completo do seu solo, a sua agricultura constitui a actividade predominante.

Não decorrem, porém, as fainas agrícolas em ambiente sóturno e monótono.

O camponês e a camponesa, no decorrer da sua afanosa actividade, acompanham-na com os seus cantares, por vezes em primorosos despiques com cantigas ao desafio, em que se improvisam quadras de bom sabor campestre ao mesmo tempo que mourejam.

A mulher minhota auxilia empenhadamente o homem nos trabalhos agrícolas.

Valoriza a mulher minhota aldeã aquela arte, verdadeiramente encantadora com que borda à maravilha o seu bragal, os seus atalhados com motivos vários e com perfeita combinação e matização de cores, que reflecte uma arte delicada, feminina e talentosa, como culminação de canseiras que lhe traz o cultivo e amanho do linho e as operações a que o sujeitaram antes de sobre ele poderem executar os motivos dos seus bordados artísticos.

O linho, ainda hoje manufacturado por processos rudimentares e tradicionais que se vêm transmitindo de geração em geração, é fonte dos maiores cuidados e do maior interesse talvez porque a sua aplicação e emprego, é feito, ainda hoje, em larga escala.

Observe-se que as canseiras com o linho estão repartidas pelas seguintes operações às quais tem de consagrar-se dedicação absoluta:

É semeado, colhido, secado, ripado, curtido, massado, espaldado, assedado, fiado, corado, urdido e tecido.

Estas operações são verdadeiramente trabalhosas e delicadas e requerem grande prática e conhecimentos que vêm sendo transmitidos de geração em geração.

\*

É ainda bem necessário que se traga a lume toda a riqueza folclórica do nosso vasto concelho que se não for recolhida e registada, correrá o risco de criminoso desaparecimento ou alienações que outros aproveitariam, impossibilitando-se, pela inacção condenável, a sua reconstrução e reivindicação futuras.

Não parece justo nem plausível que, sendo este concelho de origem tão remota, não se pro-

## Casamento

No passado dia 20 de Abril, no Santuário de Nossa Senhora do Sameiro, em Braga, consorciou-se o Sr. Jaime Ferreira, empregado superior da TEBE e colaborador deste Boletim, com a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Irene Ferreira Azevedo, de Braga, filha da Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Glória Gomes Ferreira e do Ex.<sup>mo</sup> Sr. António José Ferreira de Azevedo, industrial.

Paraninfaram, por parte da noiva, os Ex.<sup>mos</sup> Snrs. Mário Neves da Silva e Esposa, D. Alice Ferreira da Silva.

O noivo teve como padrinhos o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Mário Campos

curasse acautelar e patentear a sua tamanha riqueza e variedade da etnografia e folclore das suas 89 freguesias disseminadas por uma área de 362,80 <sup>km</sup>².

É grande e assaz espinhoso o caminho a percorrer, porque há que ter o maior escrúpulo em fazer reviver e reproduzir os cantares e danças populares na sua verdadeira originalidade, sem introdução ou invenção de pormenores que afectem a sua ancestralidade e sabor campestre, a simplicidade e recato, mas a que não falta aquela alegria incontida, esfusante e sã da nossa gente, exteriorizada com franqueza farta quando baila ou canta.

É já de velhos tempos que em quase toda a região minhota, as fainas agrícolas, como as espaldadas, as vindimas, as desfolhadas, decorrem e terminam em ambiente festivo e animado.

Já escrevemos que parece exactamente que são tais fainas que propiciam a conservação das danças populares, principalmente nas povoações sertanejas, onde mais arregaçadamente perduram velhas tradições e os costumes castiços das gentes das nossas aldeias, onde o camponês parece ir buscar ao bailado e aos cantares ao desafio, as forças necessárias e o ânimo amenizador do árduo trabalho dos campos, tornando-o mais leve e alegre.

Na recolha de danças populares do concelho de Barcelos já efectuada, esta circunscreveu-se até agora, às freguesias de Góios, Negreiros e Carapeços, não se tendo alterado episódios nem quaisquer pormenores, em obediência estrita ao princípio de que as manifestações populares e tradicionais terão de ser reproduzidas fielmente na sua verdadeira pureza, sem qualquer intenção de se proporcionar às danças e cantares recolhidos, efeitos que aparentemente as enriqueceriam mas que as afectariam criminosamente e as adulariam na sua origem e carácter verdadeiramente popular, rústico e tradicional, sem abastardamentos e propósitos de melhoria no aspecto exhibicional com invenções fantasiosas.

Henriques, sócio gerente da TEBE e director honorário do «Boletim Social da TEBE», e sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa, D. Generosa O. de Campos Henriques.

Após a cerimónia religiosa, foi servido um almoço num dos hotéis do Sameiro. Aos brindes usaram da palavra vários convidados que enalteciam as qualidades dos noivos. Por último agradeceu o Sr. Jaime Ferreira.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias pelo Sul do País, regressando a Barcelos onde passaram a residir.

«Boletim Social da TEBE» apresenta o seu cartão de parabéns fazendo votos por muitas prosperidades.

Importa bem mais que se defenda a verdade na sua limpidez ou rudeza, do que o efeito inventivo e estético que soe a falso.

De entre as danças recolhidas, destaca-se a LIMA DE GÓIOS, característica desta freguesia.

Dançam dois pares, ou grupos de dois pares cada, podendo aqueles ou aquelas que ficam de fora da roda ou rodas, "roubar" no momento oportuno.

Os pares, na altura em que fazem a cruz, executam uma pequena vénia discretamente, o que constitui um certo pormenor de elegância e de delicadeza, fazendo concluir que esta dança teve a sua origem nas antiquíssimas danças de salão, como seja o minuê, que o povo copiou, interpretou à sua maneira e adaptou ao seu ambiente.

Passou depois a ser dançada em freguesias vizinhas, que a alteraram em certos pormenores, como se verifica, por exemplo, com a Lima de Negreiros, que é mais animada, mais viva e sem a vénia que substituíram por um rodar mais rápido, introduzindo-lhe outras variantes que, tornam a Lima de Góios bem mais distinta e inconfundível, até.

A Lima de Góios é a dança mais característica e destacada de toda a região minhota.

Com a vénia se buscou a semelhança do que, no salão de casas solarengas, exibiam os pares fidalgos de outros tempos.

Tornou-se a dança preferida pelas famílias mais gradas da freguesia por não requerer grande esforço físico.

É dança suave e vagarosa e presta-se a ser dançada por poucos pares em serões de carácter familiar.

Por isso, por ali se conservou e chegou até aos nossos dias.

De uma maneira geral, o povo tem mais tendência para danças de tipo malhão ou vira, em que toda a gente pode intervir e bailar, e até mesmo porque estão mais vulgarizadas e conhecidas.

Daí, uma das razões porque a Lima de Góios não tem qualquer afinidade ou semelhança com outras danças desta ou doutra região.

# Geologia de PINHEL

**P**INHEL, a começar no sítio mais alcandorado em que se liga ao planalto do da Guarda, na zona compreendida entre a freguesia de Pinzio do mesmo concelho e Ribeira das Carinhas do concelho da Guarda, nota-se um abaixamento rápido que vai dos 959 m aos 756, zona em que o rio Côa forma a bacia hidrográfica do concelho de Pinhel penetrando na serra da Marofa em forma de cunha na faixa tectónica precâmbria, certamente oriunda «do terciário lacustre da bacia de Salamanca, em Espanha».

Nesta periferia observam-se estratificações ou afloramentos nitidamente silúricos, que penetram profundamente na bacia do Côa e se prolongam nas massas eruptivas ou granitoides que constituem a parte cósmica das margens deste rio.

A região de Pinhel, no aspecto geológico, está enquadrada na Meseta Lusitano-Castelhana, juntamente com os concelhos circunvizinhos de Almeida, Guarda, Celorico, etc.

Pinhel está compreendido numa zona de terrenos antigos de características profundamente mesozóicas e senozóicas que se estrutura desde Aveiro e se prolonga até ao Algarve.

É certamente entre estes sistemas que o tectónico abrange o concelho de Pinhel com um conjunto de vários afloramentos «de rochas graníticas e arcaicas de que apenas resta o grupo de ilhotas visíveis, constituídas pelas Berlengas e Farihões.»

«Na opinião de Paul Choffat, esta particularidade não tem sido mencionada pelos diferentes autores que se têm ocupado da orogénia da Península, mas ela é duma alta importância sob este aspecto, porque prova a existência de um con-

tinente ocidental que pode partir, pelo menos, da época liásica.

A Meseta, na parte referente a Portugal, apresenta-nos três características fundamentais a saber: na parte central encontramos o sistema de montanhas Lusitano-Castelhana; na parte norte, surge-nos o maciço Galaico-Duriense, que abrange todos os terrenos antigos ao Norte do sistema Lusitano-Castelhana. Finalmente, na parte Sul, estende-se a planície imensa do Alentejo.

Em face do exposto, não podem surgir dúvidas que Pinhel se encontra no topo da parte situada entre as serras da Estrela e do Caramulo, que nos mostram estruturas de grés «cobertos em parte pelo Pliocénio e pelo Quartenário», que muitas vezes vêm assentar sobre o Paleozóico.

«O limite N. E. da serra da Estrela é sem dúvida formado pela depressão do planalto da Guarda e serra da Marofa, já acima referido, e em seguida pelo vale do Mondego; e, por isso, pode-se considerar a região de Pinhel livre das influências dos glaciares da serra da Estrela, pelo que resulta, sem mais considerações, que ela não esteve coberta de gelos imóveis.»

A região de Pinhel, como se sabe, é limitada pela serra da Marofa, que resultou, possivelmente, da faixa paleozoico-oriental que se estende ao sul do rio Douro e se prolonga de oeste para leste.

«O limite é bem definido pela região Galaico-Duriense e o sistema Lusitano-Castelhana, apesar da presença de dobras análogas na extremidade ocidental do maciço da serra da Estrela.»

António Baptista

# Fábrica de Malhas TEBE

A Empresa Têxtil de Barcelos, Ld.<sup>a</sup>, mais vulgarmente Fábrica de Malhas TEBE, de que é principal director o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Mário Campos Henriques, tornou-se mundialmente conhecida pelo indiscutível bom acabamento e superior qualidade dos seus artigos.

Fundada em 1948, esta florescente unidade fabril é o orgulho da gente de Barcelos, que vê nela o sustento de centenas de famílias.

As malhas de algodão, seda e nylon TEBE são preferidas não só pelos mercados nacionais mas até pelos estrangeiros, porque encontram nos seus padrões as últimas criações da moda e do bom gosto.

As suas máquinas, a última palavra da técnica moderna, e a sua disciplinada e proficiente mão de obra, conseguem tornar preferidas as suas malhas.

Os nylons tebe, requintadamente confeccionados, são sempre usados pelas senhoras de fino gosto.

Os artigos camutebe, alto padrão do bom gosto, são uma criação da TEBE e, como tal, indiscutivelmente procurados nas melhores casas da especialidade.

A acção social da TEBE atinge no seio da sua massa operária efeitos reveladores dum bom senso e dum critério judicioso. A prová-lo basta citar o seu corpo médico privativo.

No campo cultural, tem o seu agrupamento desportivo e o seu jornal.

Por todas estas razões, a TEBE tem uma função altamente social na vida e na economia de Barcelos.

600\$00 de subsídios por nascimentos; 186\$00 de subsídios imperiosos; 5.908\$00 de subsídios para medicamentos; 7.266\$00 por assistência médica.

Dispenderam-se, como se verifica, 26.892\$00. A quotização deu o rendimento de 25.362\$50, inferior ao montante das despesas feitas. Foi o Fundo Comum das Casas do Povo que cobriu a diferença.

— Efectuou-se nesta Casa do Povo uma sessão de cinema oferecido gratuitamente aos seus associados que registou larga concorrência. A projecção esteve a cargo dos Serviços da F. N. A. T. de Braga.

— Tomaram posse os corpos gerentes, ultimamente eleitos para o triénio de 1958-1960. É a seguinte a sua constituição:

Assembleia Geral: José Gonçalves de Sá (presidente); Manuel Barroso de Campos e José Mário Varzim da Silva Miranda (vogais). Direcção: Manuel Fernandes de Araújo (presidente); Adélio de Miranda (secretário) e Adelino Ferreira de Miranda (tesoureiro).

## Casa do Povo de Arões (Fafe)

No princípio do corrente ano entrou em execução o novo acordo de quotas, homologado por despacho de 13 de Fevereiro de 1957 do Snr. Ministro das Corporações e Previdência Social. O novo acordo visou sobretudo eliminar os sócios contribuintes residentes fora da área da Casa do Povo e que nela tenham rendimento colectável até 150\$00.

Como aquela Casa do Povo possui elevado número de sócios nestas condições, houve necessidade de agravar as quotas dos sócios residentes dentro da área.

A Direcção dirigiu a todos os associados uma circular, explicando a razão da alteração e fê-lo, com tanta felicidade, que não recebeu uma única reclamação.

\*

Tomou posse do cargo de Secretário da Direcção o Snr. Albino de Castro, que substituiu o Snr. Domingos de Sales, que, durante seis anos, serviu com grande dedicação os superiores interesses daquele Organismo.

## Plano de Formação Social e Corporativa Junta da Acção Social

Casa do Povo de Cristelo (Barcelos)

Reuniu-se a Assembleia Geral desta Casa do Povo para apreciação, discussão e aprovação do relatório e das contas da gerência do ano findo, com a presença de elevado número de associados do Organismo.

A actividade da Casa do Povo, no que respeita à previdência e à assistência, traduz-se nos números seguintes: 290 consultas (na sede e domiciliárias); 275 dias de subsídios na doença, no montante de 1.332\$00; 600\$00 de subsídios por morte; 11 contos de subsídios de invalidez;



## TAÇA DE HONRA DO MINHO

CONFORME estava marcado, principiouse no passado dia 10 a disputar-se em Famalicão este certame, ao qual concorrem as equipas do FAC, Académico de Braga, Vianense, T. O. C. das Taipas, Oquei Clube de Barcelos e Clube Desportivo da TEBE.

Na jornada inaugural todas as equipas se apresentaram com o estandarte, dando colorido ao ambiente por ocasião da sua apresentação. Foram os seguintes os jogos e resultados; 1.<sup>a</sup> jornada:

O. C. de Barcelos, 3 — Vianense, 4  
TEBE, 5 — Taipas, 3  
FAC, 4 — Acad. de Braga, 4

2.<sup>a</sup> jornada, disputada no passado dia 17:

Acad. de Braga, 12 — Taipas, 0  
TEBE, 3 — O. C. de Barcelos, 2

O jogo FAC — Vianense foi interrompido a 1 minuto e 20 segundos do fim com as equipas empatadas a 3 bolas.

A classificação segue esta ordem:

	J	V	E	D	F	CP
C. D. da TEBE . . . . .	2	2	0	0	8	5 6
Acad. de Braga . . . . .	2	1	1	0	16	4 5
Vianense . . . . .	1	1	0	0	4	3 3
FAC . . . . .	1	0	1	0	4	4 2
O. C. de Barcelos . . . . .	2	0	0	2	5	7 2
Taipas . . . . .	2	0	0	2	3	17 2

O torneio é interrompido nos dois sábados seguintes, por motivos relacionados com a realização do Campeonato do Mundo, na cidade do Porto.

W. E.

## VOLEIBOL

PARCELU há pouco tempo adentro do Clube Desportivo da TEBE, ou melhor, entre vários associados, a ideia da formação de uma secção de Voleibol. Como todas as coisas nas primeiras impressões, davam-nos a ideia segura de num futuro próximo, podermos apresentar nomes e factos. Na expectativa em que nos mantivemos, fomos apreciando a apatia de quem se propunha a criá-la, motivo porque resolvemos trazer a público, com um sentido de remoçar a ideia, aliás bem recente.

A modalidade que o clube pratica, (oquei em patins) não é das mais fáceis, nem tam-

## TAÇA DE HONRA DO MINHO

ALARAM fundo na nossa sensibilidade, os incidentes em que foi palco o rinqe de Famalicão, quando da realização da 2.<sup>a</sup> jornada deste torneio.

Indisciplina dentro do rinqe e vandalismo na rua, obrigam-nos a manifestar aqui, toda a repulsa para com atletas e espectadores, que sem o menor respeito pela ética desportiva provocaram incidentes (a juntar a tantos) a desacreditar a causa desportiva como escola de civismo, (que devia ser) para nos mostrarem ao nu, o carácter dos seus interventores.

Dentro do rinqe os jogadores, mais propriamente os do FAC, procuraram de todas as maneiras estorvar a acção do árbitro, apoiados por um público desconhecedor das regras e, o que é mais grave, da própria educação.

Todas as atitudes tomadas, só demonstraram falta de civismo e temperamento para assistirem a espectáculos desportivos.

Na rua, as cenas de pancadaria aumentaram e a 100 metros da primeira passagem de nível, foi vandàlicamente agredido um passageiro da camionete que desta cidade se deslocou para assistir ao jogo Oquei-TEBE, que se realizou em primeiro lugar.

Não sabemos qual o móbil da agressão, porquanto foi por todos bem apreciada a correção que tanto as equipas, como as falanges de apoio Barcelenses, mantiveram de princípio a fim do desafio, bem como na rua.

Não sabemos quais as atitudes que tomará a Associação de Patinagem de Braga, mas esperamos que dentro das leis porá cobro a factos como estes, em que a Causa Desportiva perde muito.

Bem sabemos que não é auspicioso o começo de época, mas cortar o mal é pela «raiz», pois, de contrário, há a possibilidade de surgirem «rebentos», neste caso bem perniciosos.

Waldemar Esteves

pouco ocupa elevado número de atletas, que se torne suficiente a uma cultura física, dentro deste grande departamento fabril.

Dirão alguns que nas mesmas condições se encontra o Voleibol, é certo, mas também o não é menos, matematicamente serem dois superior a um.

Ainda não classificamos de morta a ideia e esperamos ver em breve, a sua concretização.

## Noticiário

O Oquei Clube de Barcelos já fez alinhar na Taça de Honra do Minho, o seu antigo atleta Carlos Querido, recentemente vindo do Brasil.

António Milhazes, ex-guarda-redes do Varzim, deve ingressar no Oquei Clube de Barcelos.

Está aberto o Curso de Árbitros do Minho devendo os interessados dirigir-se o mais urgentemente para: Comissão Regional de Árbitros do Minho (Oquei em Patins) — Praça do Comércio, 308 — Braga.

### Livres Trânsitos

Recebemos um do Vitória Sport Clube (Barcelinhos), gentileza que agradecemos.

### Vitória de Barcelinhos

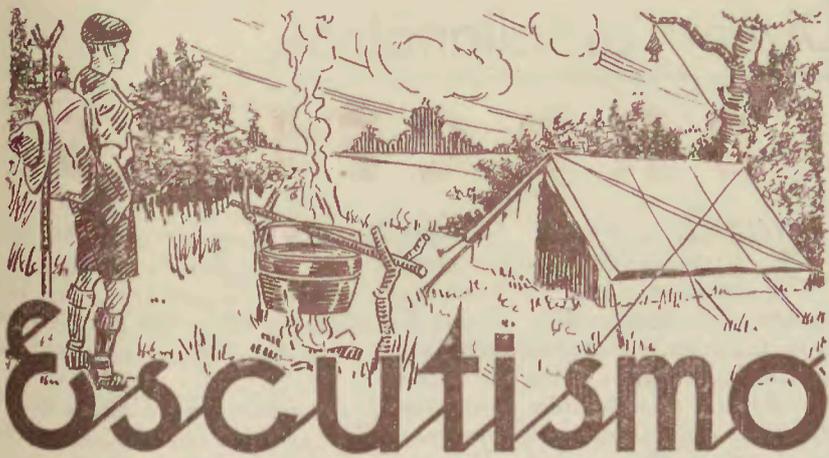
Recebemos desta colectividade um officio em que nos é fornecida a constituição dos novos corpos gerentes, bem como uma decisão da sua última Assembleia Geral, na qual foi aceite um voto de agradecimento à Imprensa.

Pela nossa parte agradecemos, mas nada mais fizemos do que cumprir um plano traçado logo que assumimos este posto, de defender e apoiar o Desporto, especialmente o local.

A constituição dos corpos gerentes, aos quais desejamos as maiores venturas desportivas, também nos é fornecida, mas como já foi publicada nos jornais diários e locais, abtemo-nos da sua publicação.

### Clube Desp. de Barcelinhos

Recebemos uma circular em que nos é dada a conhecer a constituição dos seus corpos gerentes, bem como um voto de agradecimento à Imprensa. Abtemo-nos de publicar a constituição da gerência, porquanto já os jornais diários e locais a ela se referiram. Desejamos aos seus novos Directores as maiores prosperidades e continuamos a oferecer estas páginas, para tudo o que for a «Bem do Desporto».



Nós, os que ainda somos jovens...

Por JAIME FERREIRA

HO tomar a caneta para re-  
começar com as cróni-  
cas sobre este tão belo,  
tão salutar e até tão  
actual assunto, que é o Escutis-  
mo, lembro-me das palavras de  
Henri Barbusse: — «Eu que sou  
ainda jovem devo desempenhar  
o meu papel na sociedade e ven-  
cer com vontade, deixando cor-  
rer as coisas tal como estão fei-  
tas e se nos apresentam».

Penso, também, no período  
de angústia e medo que o mun-  
do está atravessando...

Mas nós não podemos admi-  
tir, nós os jovens, que um tal  
estado de coisas persista.

E quando digo «jovens» não  
falo, bem entendido, da idade  
do corpo, mas da do coração e  
da vontade. É bem verdade  
que só é velho aquele que se  
resigna e aceita que o mundo  
fique tal como é, porque ele foi  
sempre assim. Ridículo conhe-  
cimento de impotência que nos  
revolta, sobretudo a nós, cristãos.

A vitória é possível, porque  
todo o erro, qualquer que ele seja,  
encontra a sua fonte no escalão  
individual. E é em cada um de  
nós, unicamente que poderá  
começar o caminho da redenção,  
depois de tantos e tantos mil-  
enários de pecado.

Eis porque não hesito em cha-  
mar-vos à luta, para as semanas,  
meses e anos próximos. É pre-  
ciso que o Escutismo saia da sua  
carapaça. Não podemos viver  
em redoma. É preciso que nos  
lembremos sempre da nossa LEI  
e da nossa promessa.

Que cada um na medida das  
suas possibilidades, chegue à  
frente de combate, tendo por  
únicas armas a limpidez do olhar  
e as mãos nuas. Sem dúvida  
e as guardaremos tempo para as  
nossas actividades próprias, por-  
que são necessárias para fazer  
de nós os Soldados de Cristo.

Mas que um certo número de  
horas, tão grande quanto possí-  
vel, seja consagrado à batalha  
contra a miséria. E não é pre-  
ciso ir procurá-la muito longe,  
tenhamos a coragem de olhar  
em volta de nós, ela está bem  
perto, presente em todo o lado...

Que cada um lute, seguindo  
as suas aspirações pois há tanto  
a fazer!...

Sejamos construtores de casas  
para os pobres, façamos acto de  
presença junto dos velhos aban-  
donados, executemos por eles  
os trabalhos que já não têm  
força para fazer!

Parti, portanto, não amanhã,  
mas hoje mesmo. E dai-nos  
notícias, porque para vencer é  
necessário darmos a mão.

Muita coragem e sê fiel à  
tua FÉ.

## NOTICIÁRIO

Por S. Jorge e Portugal

A Igreja Católica festeja o Pa-  
droeiro do Escutismo S. Jorge,  
no mês de Abril. Em Barcelos,  
foi no dia 20 do referido mês,  
comemorada esta data, com mais  
uma investidura de novos ele-  
mentos e renovação da promes-  
sa por parte de todos os ele-  
mentos da Alcateia, do Grupo e  
do Clan, que fazem parte do  
Agrupamento XIII, do Nucleo  
de Barcelos, do Corpo Nacional  
de Escutas.

Depois da assistência à Santa  
Missa na Igreja Matriz, realizou-  
se na Sede uma pequena con-  
centração dos elementos activos  
e de algumas Famílias, a fim de  
se proceder à cerimónia da in-  
vestidura de 3 novos explorado-  
res — José Luís Pinho Ferreira,  
Manuel Guilherme Macedo Cor-  
reia e Carlos Alberto P. de  
Carvalho.

Houve depois algumas activi-  
dades pelos elementos presentes  
que decorreram com grande  
animação.

Fecho das comemorações B. P.

Para fecho das comemorações  
do centenário do nascimento de  
Baden Powell e do cinquentená-  
rio da Fundação do Escutismo,  
realizou-se em Braga no dia 27  
de Abril, no Salão do Seminário  
uma sessão solene, a que se  
dignou presidir S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o  
Senhor Arcebispo Primaz, o Sen-  
hor Presidente da C. M. de  
Braga, e outras autoridades civis  
e militares.

Foram exaltadas as virtudes  
de Baden Powell e cantadas vá-  
rias canções escutistas.

Os lobitos, exploradores e ca-  
minheiros do Núcleo de Barce-

# Aniversários

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no corrente mês os  
nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Maria da Glória Mar-  
tins, Maria Augusta da S. Fer-  
reira e Deolinda Gomes da S.  
Fernandes.

DIA 2 — José Joaquim Morei-  
ra Dias e Maria Manuela Fer-  
nandes de Castro.

DIA 3 — Maria Augusta Aran-  
tes da Silva e Maria Aida Torres  
Gomes.

DIA 4 — Domingos do Vale,  
Ana Mendes da Costa Borges,  
José Ferreira Peixoto de Carva-  
lho e Maria Júlia Sequeira de  
Miranda.

DIA 6 — Manuel Quintela de  
Freitas.

DIA 8 — Rosa Gomes Fer-  
reira e Eduardo Fernando M.  
Figueiredo.

DIA 10 — Diamantina Neiva  
Pereira, Maria Isabel Martins  
B. Mesquita, Conceição Pereira,  
Maria Zélia Figueiredo Pereira e  
Maria da Assunção Gomes Fer-  
reira.

DIA 11 — Henrique José de  
S. Calheiros da Silva e Arminda  
de Azevedo Gomes.

DIA 12 — Joaquina Vieira Al-  
ves, Maria Deolinda M. Gon-  
çalves, Maria da Conceição F.  
de Carvalho e Rosa de Jesus  
F. Cardoso.

DIA 13 — Manuel Miranda,  
Maria Lopes Martins e Beatriz  
Augusta da Silva Portela.

DIA 14 — Maria Amélia Ro-  
drigues da Silva.

DIA 15 — Abraão de Jesus  
C. Martins.

DIA 16 — Maria Teresa Go-

mes de Sousa, Cezília Gonçal-  
ves de Brito e Maria da Concei-  
ção Oliveira Lopes.

DIA 18 — Maria Odete Mi-  
randa Alves e Alberto de Castro  
Pinto.

DIA 20 — Maria Alice Rodri-  
gues Vilas Boas, Maria Beatriz  
de J. Gomes Ferreira e Fernan-  
da Teixeira Veríssimo.

DIA 21 — Maria de Lourdes  
Alves Simões e Maria Júlia de  
Oliveira Alves.

DIA 22 — Joaquina Faria de  
Oliveira.

DIA 24 — Manuel da Silva  
Pereira, Maria da Glória Fer-  
nandes Lopes e António de Je-  
sus Lourenço Ramos.

DIA 25 — Maria do Carmo da  
C. Vilas Boas, Maria da Glória  
da Silva Gomes, Manuel Ferrei-  
ra e Maria Angela Faria Dantas.

DIA 26 — Josefa Oliveira da  
Rocha, Amílcar Simões Carva-  
lho, Maria Helena da Silva Mar-  
tins, Manuel Casimiro P. Figuei-  
redo e Maria do Sameiro Gomes  
Rodrigues.

DIA 27 — Maria da Silva An-  
drade, Maria da Conceição Ma-  
chado Ribeiro e José Gomes  
Barros de Mesquita.

DIA 29 — Ana Madalena de  
Jesus, Maria Manuela Fernandes  
da Silva e Maria Adelaide Fer-  
reira Araújo.

DIA 30 — Deluvina Correia  
Calheiros.

DIA 31 — Rosa Irene Martins  
de Sá e Maria do Carmo Fer-  
reira Lopes.

A todos, os nossos sinceros pa-  
rabéns.

los, apresentaram diversas acti-  
vidades que mereceram dos as-  
sistentes demorados aplausos,  
pelo aprumo e correcção de-  
monstrados.

Flor de Lis

O órgão oficial do Corpo Na-  
cional de Escutas, abriu dois  
concursos. Um refere-se ao nú-  
mero que cada exemplar traz  
impresso e que dá direito a  
magníficos prémios — artigos es-  
cutistas.

O segundo é um concurso da  
Capa, para o número do mês  
de Maio.

Embora as obras apresentadas  
não fossem, tanto em quantida-  
de, como em qualidade, de gran-  
de nível, a Direcção deste men-  
sário do Escutismo Católico  
Português, resolveu atribuir os  
dois primeiros prémios, pelos  
concorrentes: António Rodrigues  
Correia, do Seminário dos Oli-  
vais e Francisco Bruschi, de  
Lisboa. Foi ainda atribuída uma

menção honrosa a Fernando  
Castro.

Clan n.º XIII

Filiou-se no C. N. E. o Clan  
n.º XIII — Alferes Barcelense —  
com sede em Barcelos, cuja di-  
recção foi confiada ao Escuteiro  
Jaime Ferreira.

Para fechar

Escuteiro! Vive a tua Lei.  
Tem sempre presente os artigos  
que aprendeste e repetiste no  
momento da tua promessa.

Lembra-te, todos os dias, que  
deves praticar uma boa acção,  
que tens de ser útil ao teu pró-  
ximo, que deves ser delicado e  
respeitador, leal e sincero em  
todos os momentos, a honra do  
escuta, inspira confiança, que és  
amigo de todos, que deves pro-  
teger as plantas e os animais,  
ser sóbrio e respeitador do bem  
alheio e puro nos pensamentos,  
nas palavras e nas acções.

## CAMÕES!

## Um nome imortal no mundo Lusíada

(Continuação da página 1)

«O homem da Renascença ganhou em liberdade o que perdeu em tranquilas certezas».

A vida, neste período áureo das letras lusas, a sensibilidade poética requinta-se, prospera, alcandora-se e avoluma-se. A delicadeza nas maneiras e no trato, a grandeza e a opulência dos grãos-senhores, extraordinariamente ricos, formam a sociedade de então.

Francisco Petraca, o sentimental poeta dos versos formosos, procura na beleza da mulher a chama enebriante para sua inspiração.

Camões transfigura-se no amor e a beleza da mulher amada abre-lhe as rotas da fama e do triunfo. Ontem como hoje, Camões, quer nos Lusíadas quer nas líricas, o seu génio poético é o fenómeno viril e indomável de ser criador... de criar beleza... Portanto foi um artista. Pois só os artistas podem criar.

Todos sabem que Camões viveu em Coimbra, ali estudando; viveu em Lisboa, ali sofrendo e, finalmente, quando a Pátria sucumbia, Camões expirava também. Ambos mortos, todos ressuscitados. A Pátria redimiou-se, Camões imortalizou-se.

Relembrar a sua memória, tecer hinos ao seu génio e à sua desgraça é abrir caminho no meio da indiferença daqueles que não aprenderam a sentir na poesia de Camões a virilidade dum homem que se redimiou no amor e por amor.

Os seus sonetos falam mais alto que todos nós, transcreve-los, a cada passo, é um dever de justiça e também de gratidão. Portanto publicar alguns sonetos seus é mostrar «o mais alto e luminoso cume da poesia nacional».

É o coração do poeta que se abre, é a dor no amor, por vezes uma dor cósmica, que vai até ao sacrifício e à renúncia. Tanta mulher que amou: Natércia, a Infanta D. Maria, Dinamene, Bárbara, todas elas se immortalizaram nos formosos sonetos de Luís de Camões. Todas elas vivem hoje aureoladas duma harmonia que bem se traduz nos primeiros versos deste soneto:

Ah! minha Dinamene! assim deixaste  
Quem nunca deixar pôde de querer-te!  
Que já, Ninfa gentil, não possa ver-te!  
Que tão veloz a vida desprezaste!

Como por tempo eterno te apartaste  
De quem tão longe andava de perder-te!  
Puderam essas águas defender-te  
Que não visses quem tanto magoaste?

Nem sòmente falar-te a dura morte  
Me deixou, que apressado o negro manto  
Lançar sobre os teus olhos consentiste!

Oh mar! oh céu! oh minha escura sorte!  
Qual vida perderei que valha tanto,  
Se ainda tenho por pouco o viver triste?

E noutro soneto deixa ver quão amargo e torturante é o partir:

Alma minha gentil, que te partiste  
Tão cedo desta vida, descontente,  
Repousa lá no Céu eternamente,  
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,  
Memória desta vida se consente,  
Não te esqueças daquele amor ardente  
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te  
Alguma cousa a dor que me ficou  
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,  
Que tão cedo de cá me leve a ver-te  
Quão cedo de meus olhos te levou.

## Dizem os alfarrábios

## BARCELOS

**S**OBRE a origem de Barcelos divergem as opiniões dos historiadores: — uns pretendem que foi fundada pelos barcinos, povos cartagineses; outros que o fora pelos romanos, denominando-a Águas Celenas, do nome do rio Celeno, hoje Cávado. Para aqueles autores o fundador teria sido o capitão cartaginês Amílcar Barcino.

Ainda outros dão como fundadores de Barcelos os galo-celtas. Antigamente chamou-se Barracellos, corrupção talvez de Barra Celani ou de Barca Celi, nome de uma barca que antes de haver ponte no Cávado, fazia o transporte de uma para a outra margem.

A opinião mais seguida é a de que a primitiva povoação, cidade romana, se denominava Águas Celenas, vindo a ser totalmente destruída com as guerras dos godos, suevos, vândalos, álanos e árabes; supondo-se que foram estes últimos os seus primeiros reedificadores. Em 1140 D. Afonso Henriques reedificou-a e deu-lhe foral, que D. Sancho I confirmou em 1208 e D. Manuel renovou em 1515.

Barcelos foi a primeira terra de Portugal elevada a Condado depois da constituição da monarquia. D. Dinis, em 8 de Maio de 1298, criou este condado dando-o ao seu mordomo-mor D. João Afonso Tello de Meneses.

(Transcrito do Dic. de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, pág. 122 do volume II).

Sempre o amor, o eterno amor dos poetas, que é mais vivo, mais humano, mais imortal.

Finalmente, traduz o amor desta maneira:

Amor é fogo que arde sem se ver;  
É ferida que dói e não se sente;  
É um contentamento descontente;  
É dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;  
É solitário andar por entre a gente;  
É um não contentar-se de contente;  
É cuidar que se ganha em se perder;

É um estar-se preso por vontade;  
É servir a quem vence, o vencedor;  
É um ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode o seu favor  
Nos mortais corações conformidade,  
Sendo a si tão contrário o mesmo Amor?

Amor, que o gesto humano na alma escreve,  
Vivas faíscas me mostrou um dia,  
Donde um puro cristal se derretia  
Por entre vivas rosas e alva neve.

A vista, que em si mesma não se atreve,  
Por se certificar do que ali via,  
Foi convertida em fonte, que fazia  
A dor ao sofrimento doce e leve.

Jura Amor que brandura de vontade  
Causa o primeiro efeito; o pensamento.  
Endoidece, se cuida que é verdade.

Olhai como Amor gera, em um momento,  
De lágrimas de honesta piedade  
Lágrimas de imortal contentamento.

E assim, Camões, prodigalizando-se no amor, que o tornou grande e imortal em «Lágrimas de imortal contentamento» se transcendeu em toda uma literatura nacional.

António Baptista